

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

PATRÍCIA SARAMAGO – “FAZER E REFAZER É O DIA A DIA NUMA SALA DE MONTAGEM”

27 de Abril de 2026

Chuva / 1999

um filme de LUÍS FONSECA

Realização, Argumento: Luís Fonseca *Fotografia* (35 mm, cor): Leonardo Simões [Leonardo Ribeiro Simões *Som:* Emídio Buchinho] *Montagem, Anotação:* Patrícia Saramago *Decoração, Guarda-roupa:* Rosa Freitas *Música:* Vítor Joaquim *Assistente de realização:* João Pinto Nogueira *Assistentes de imagem:* Miguel Malheiros, Daniel Neves *Fotografia de cena:* Mariana Viegas *Mistura som:* Branko Neskov *Interpretação:* Ana Brandão, Mónica Calle, Luís Bonaccorso, Ricardo Aibéo

Produção: Contracosta (Portugal, 1999) *Produtores:* Francisco Villa-Lobos, Leonardo Simões, Luís Fonseca *Direcção de produção:* Paula Ribas *Assistente de produção:* Susana Nobre *Título na película:* “CHUVA” *Cópia:* DCP (digitalização em 2025 pela Cinemateca com o apoio do PRR /digitalização 4K do negativo de câmara 35 mm e da mistura final do som em suporte DAT conservados pela Cinemateca), cor, falado em português, 15 minutos *Primeira apresentação pública absoluta:* 11 de Setembro de 1999, na 56ª Mostra Internazionale d'Arte Cinematografica (Veneza, secção Corto Cortissimo) *Estreia televisiva:* 22 de Julho de 2001, RTP2 *Estreia em sala em Portugal:* 16 de Maio de 2003, São Jorge (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Inferno (Vale de Judeus) / 2010

material filmado por PATRÍCIA SARAMAGO

Realização, Imagem: Patrícia Saramago para a Casa Conveniente *Com:* Mónica Garnel, René Vidal, Mário Fernandes (Portugal, 2010) *Cópia:* ficheiro digital, cor, falado em português, 18 minutos / *material em bruto (fragmento) Primeira apresentação absoluta em sala, na Cinemateca.*

A Última Gravação / 2007

um filme de PATRÍCIA SARAMAGO

Realização, Imagem, Montagem: Patrícia Saramago para a Casa Conveniente, a partir do espectáculo “Um Dia Virá” encenado por Mónica Calle, a partir de textos de Samuel Beckett *Interpretação:* Mónica Calle, Mónica Garnel, Ana Ribeiro, Amândio Pinheiro (Portugal, 2007) *Cópia:* ficheiro digital, cor, falado em português com ocasionais legendas em francês, 28 minutos *Primeira apresentação absoluta em sala, na Cinemateca.*

Notas

INFERNO (VALE DE JUDEUS) e A ÚLTIMA GRAVAÇÃO são apresentados nos materiais digitais existentes, com as características não finalizadas da sua natureza; o primeiro, um fragmento seleccionado para esta sessão, não tem indicações de créditos| com a presença de Luís Fonseca e Mónica Calle para uma conversa no final da projecção (duração total da projecção: 61 minutos)

O cinema, os filmes, o trabalho, os amigos, os camaradas de trabalho articulam as sessões especiais programadas na Cinemateca em honra de Patrícia Saramago (1975-2025), a partir dos seus anos iniciais na montagem e do trabalho desenvolvido com Luís Fonseca e Mónica Calle, Rita Azevedo Gomes, Pedro Costa. Com os primeiros, participou de uma espécie de bando formado na Escola da Cinema, ou logo depois, do lado do cinema e do lado do teatro. Os segundos foram, dos nomes recorrentes da sua filmografia, os cineastas que encontrou numa fase de passagem, da formação ao domínio do ofício da montagem, em trabalhos de especial importância: com Rita Azevedo Gomes fez FRÁGIL COMO O MUNDO – em que assinou a montagem com a realizadora, no início de um percurso conjunto de grande proximidade materializado em

filmes de 2001 a 2018 em que cabem ainda ALTAR, A 15ª QUINTA PEDRA, A COLECÇÃO INVISÍVEL, A VINGANÇA DE UMA MULHER, CORRESPONDÊNCIAS, A PORTUGUESA; com Pedro Costa trabalhou em NO QUARTO DA VANDA (assistindo Dominique Auvray, sensivelmente na mesma altura do FRÁGIL), OÙ GÏT VOTRE SOURIRE ENFOUÏE? (que Pedro Costa destaca como o filme em que o trabalho de Patrícia consigo foi crucial), 6 BAGATELAS, JUVENTUDE EM MARCHA, TARRAFAL, NE CHANGE RIEN, O NOSSO HOMEM (entre 2000 a 2010).

“Fazer e refazer é o dia a dia numa sala de montagem”, dizia Patrícia Saramago, em Curitiba, no Brasil, em 2017, a propósito de um seminário de montagem que deu (“A Montagem no Cinema de Pedro Costa”) no contexto de uma mostra de filmes de Pedro Costa e Víctor Erice. “Aprendi imenso, com Danièle Huillet e Jean-Marie Straub [na montagem de OÙ GÏT VOTRE SOURIRE ENFOUÏE?, o filme em que Jean-Luc Godard e Patrícia Saramago viam uma lição de montagem, assente na dinâmica de casal em trabalho para a terceira versão de montagem de SICILIA!], ao vê-los a observar os gestos dos actores, ‘o brilho nos olhos’, a mão que bate na mesa em tal palavra dita, começar o plano exactamente onde começa o primeiro som da fala, acções essenciais à gestão de forças dentro da montagem do filme, de qualquer filme, que acabam por definir o ritmo, a aceleração ou pausa, e nesses contrastes enriquecer a forma do filme. Ao mesmo tempo, Jean-Marie e Danièle trabalham o filme com som e imagem juntos e inseparáveis, ou seja, sem qualquer montagem de som recriada, é sempre o som directo daquela imagem que é utilizado no filme; Pedro Costa é um exímio utilizador das possibilidades técnicas na forma dos seus filmes.” E Patrícia uma pessoa exigente e curiosa.

O rigor e a sensibilidade, referências transversais a muitos dos cineastas que com ela trabalharam na montagem dos seus filmes, ou como assistente, anotadora, actriz ocasional, são qualidades partilhadas com o entusiasmo, a atenção ou a concentração que lhe era reconhecida em filmagem e na sala de montagem, manobrando bobines e moviolas ou “o vídeo” e mais tarde “o digital”. Estiveram no coração da acção de Patrícia no cinema ao longo de trinta anos, em que, na imagem e na realização, extra “filmografia oficial”, fez inúmeros trabalhos de registo de espectáculos, com e para a Casa Conveniente e a Companhia Maior, ou de outro tipo de acontecimentos, como apresentações de sessões aqui mesmo, na Cinemateca, onde filmou intervenções públicas de Michel Piccoli e Eva Truffaut, pelo menos essas. A amplitude de nomes e obras, a diversidade e a especificidade que compõem a sua filmografia rondando a centena de entradas, a partir de 1997, dão uma medida do relevo.

Lila Brahimi e o artista plástico João Onofre encontram-se, também, entre os nomes das colaborações mais repetidas, mas talvez faça sentido referir o elenco dos realizadores com quem Patrícia trabalhou desde que concluiu a Escola Superior de Teatro e Cinema: nos finais dos anos 1990, além de Luís Fonseca, foi chamada a trabalhar com Joaquim Leitão (TENTAÇÃO, em que foi assistente de Pedro Ribeiro, é a primeira entrada filmográfica), Manuel Mozos, Fátima Ribeiro, Leonel Vieira, Marco Martins, Alberto Seixas Santos, Miguel Seabra Lopes; em produções da década 2000, assumiu responsabilidade crescente, antes de Azevedo Gomes e Costa, junto de Jorge Silva Melo (foi assistente de Teresa Font e Irene Blecua em ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA), e depois Isabel Rosa, Fernando Vendrell, Teresa Garcia, João Trabulo, Maya Rosa, José Filipe Costa, José Barahona, Miguel Gonçalves Mendes, Nicolas Oulman, Christine Reeh, Sol de Carvalho, Isabel Dias Martins, contando-se nesta década o encontro com Brahimi e Onofre. Em anos seguintes, crescem colaborações com Inês Oliveira, Sérgio Tréfaut, Nuno Canavarro, Eloy Enciso, Clara Sanz Cuesta, Camilo de Sousa e Isabel Noronha, Maria Clara Escobar, Cláudia Clemente, Júlia Buisel, Aly Muritiba, Margarida Gil, Irene M. Borrego, Ana Perez-Quiroga, Maureen Fazendeiro, Sabrina D. Marques. A última entrada filmográfica é a da estreia oficial como realizadora – DOIS E UM GATO (2026, a curta-metragem póstuma produzida pela Sopro Filmes, que é apresentada no Indielisboa daqui a uns dias).

Volta o texto ao princípio, a CHUVA, ao INFERNO (VALE DE JUDEUS), A ÚLTIMA GRAVAÇÃO: com Luís Fonseca, também ele alguém que tem vindo a circular entre o cinema e o teatro, Patrícia Saramago fez a anotação e montagem de TRÊS NOITES SEM DORMIR (1998, co-realizado por Fonseca e Álvaro Correia no contexto da série televisiva “Peças Curtas”), CHUVA, ANTES QUE O TEMPO MUDE. Muito antes de filmar oficialmente, foi ao lado da atriz e encenadora Mónica Calle que se empenhou num trabalho continuado de registo e experimentação com imagens de ensaios e espectáculos, dos quais deixou materiais em bruto ou com montagem, em muitos dos casos várias versões e possibilidades. É material que reúne registos filmados com a Casa Conveniente, material que integrou os espectáculos da companhia, os seus *trailers* de divulgação, ou que foi publicado na Internet, mas que sobretudo ficou inédito em sala, e de que existem brutos, testemunhando uma vertente bastante menos conhecida de um trabalho cuja entrega e consistência começa a montante.

No alinhamento da sessão, sucedendo a CHUVA, o fragmento de INFERNO (VALE DE JUDEUS) pertence ao segmento que integrou o espectáculo encenado por Mónica Calle em 2010: mostra duplas de actores – a mesma atriz, Mónica Garnel, actores diferentes –, dirigidos fora de campo, em grandes planos dos rostos no estabelecimento prisional de Vale de Judeus, onde a Casa Conveniente desenvolveu um importante projecto vários anos, a partir de 2009, um “laboratório de teatro” com os reclusos, alguns dos quais se tornaram de facto actores da companhia, e que foi acompanhado por Patrícia. Observando estas imagens, terá sido um projecto em que o teatro se propôs como espaço de liberdade e comunhão. Está na intimidade, como na delicadeza, que dão forma a este excerto filmado de rostos e corpos em diálogo com um texto, e uns com os outros, face a uma câmara que os olha de muito perto, que os recorta na luz dos projectores sobre zonas de sombra e os posiciona em relação, guardando as indicações do fora de campo sonoro de Calle e Patrícia Saramago. Esta ou aquela posição, um sorriso, silêncios. “Outra vez, outra vez”, na voz de Mónica Calle, parece reforçar aqui a ideia da repetição já elementar na sucessão de leituras. “Cheguem-se um bocado mais para a minha esquerda, para a vossa direita, isso. Nem é preciso dizer para se rirem. [risos] Não vale falar. Hã?...” As breves intervenções de Patrícia, por vezes o reenquadramento da câmara nas suas mãos, revelam o olhar justo, o apuro e uma vontade de cinema.

Filmado no espaço do antigo bar transformado em teatro onde a Casa Conveniente esteve instalada nos anos em que habitou o Cais do Sodré, A ÚLTIMA GRAVAÇÃO tem uma forma mais acabada. Tem genérico, créditos e agradecimentos, um título, a assumpção de ser um filme feito a partir do espectáculo “Um Dia Virá”, também encenado por Calle, a partir de textos de Samuel Beckett, em 2007. O espaço da Casa Conveniente, as redondezas exteriores (filmadas no exterior de início, depois vistas a partir de dentro), o interior transformado em morada de teatro, com as suas janelas para rua, as suas paredes brancas, as suas cadeiras vermelhas, sem palco propriamente dito, são filmados em planos breves, *inserts*, que convivem com planos mais longos dos movimentos dos actores e demais elementos do núcleo de teatro. A ÚLTIMA GRAVAÇÃO tem ainda a pontuação de fundidos a negro, uns planos a branco, o texto impresso a letras brancas de um ou dois cartões a negro, “Viverei o tempo de uma porta aberta agora fechada depois”. Exercício e filme, registo e experiência, porventura uma de variações múltiplas, tem a fragilidade do suporte amador, se assim faz sentido dizer, na força do que revela.

Mesmo no final, o princípio. CHUVA, ainda dos anos 1990 que no cinema português redescobriram o formato da curta-metragem para passos iniciantes. A ficção de Luís Fonseca produzida pela Contracosta, para todos os efeitos uma primeira obra que congrega diversos nomes em trabalhos iniciais no cinema, começa no genérico desenhado a letras verticais. Correm orientais, gráficas, deslizando em frases de que só se apanham partes, talvez anunciando o plano final dos carris de comboio, talvez antecipando os pingos de chuva efectivamente vistos no plano lisboeta contra-picado da rua com transeuntes. Esse primeiro plano é a vista da janela do apartamento que concentra e projecta a acção, juntando duas mulheres e um bebé, e as

confidências delas a lembrar um momento das suas vidas partilhado com o mesmo homem, em *flashback*, enquanto vivem o presente seu contemporâneo. A janela da casa (que na sessão rima com a janela para a rua do Cais do Sodré a partir da Casa Conveniente) a partir da qual se vê a chuva a cair pode ser um portal do tempo que passa ou uma moldura da narrativa paralela. CHUVA encara a miniatura narrativa e explora em simultâneo as texturas, as cores, as emoções tecidas nos planos, por sua vez trabalhados como blocos, mas blocos fluentes de histórias e sensações. A vibração uterina da água, por exemplo, no plano do banho da personagem interpretada por Mónica Calle e do bebé, a mais transparente do filme.

Maria João Madeira